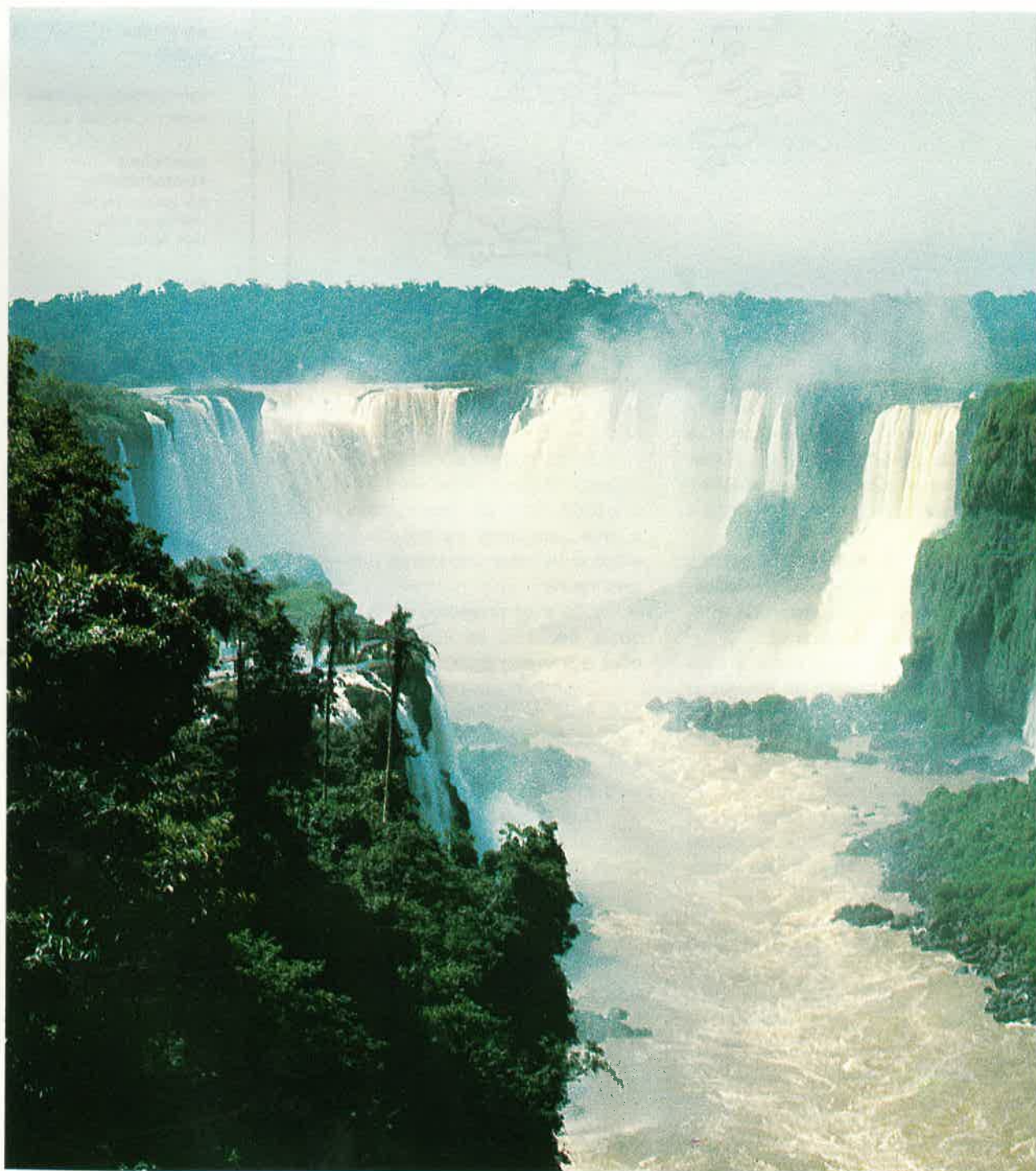


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Agosto-Setembro/1986



Dois Distritos por penetrar



Olhando para o mapa de Portugal, que acompanha esta mensagem, desejaria chamar a vossa atenção para dois distritos onde não temos uma única sala de culto aberta: Bragança e Beja.

No primeiro, há poucos membros de igreja, isolados. Surgiu agora um grupo de interessados em Moncorvo.

Para dar assistência a esse grupo, precisamos de encontrar alguém disponível, e também os meios necessários para abrir uma sala.

Na segunda cidade, Beja, existiu em tempos uma igreja. Há ainda restos dos membros desse tempo. Hoje temos mem-

bros espalhados em Moura, Ferreira do Alentejo, Vidigueira, etc.

Precisamos de estabelecer urgentemente o nosso trabalho em Beja, com um responsável, e uma sala onde os nossos irmãos e os seus amigos se possam reunir.

São dois projectos para os quais pedimos as vossas orações e a vossa ajuda.

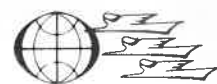
Deveriam ser-nos enviados os nomes de familiares, pessoas amigas ou membros de igreja que saibamos existirem nesses distritos.

Que o Senhor nos ajude a concretizar estes dois planos ainda em 1986.

DADOS SOBRE OS DOIS DISTRITOS

BRAGANÇA		BEJA	
ÁREA	6.542,96 Km ²	ÁREA	10.278 Km ²
POPULAÇÃO	238.588	POPULAÇÃO	283.152
Concelhos	12	Concelhos	14
Freguesias	297	Freguesias	90

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Agosto/Setembro 1986
Ano XLVI • N.º 479

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 550\$00
Número Avulso 55\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 Dois Distritos por penetrar
- 3 Seminário Maranata
Por J. Morgado
- 4 A Voz do Amor pela Família
Por Gary B. Patterson
- 6 Cristo já poderia ter vindo?
Entrevista
- 10 Porquê Colheita 90?
Por G. Stéveny
- 11 Fé e Obras
Por Pedro Apolinário
- 14 Projecto 1986: Um Centro Adventista de Medicina Social em Roma
John Graz
- 16 Notícias do Campo
- 19 O Campo é o Mundo
— Notícias

Seminário Maranata

Realizou-se, na última parte do mês de Agosto, um Seminário Maranata, no nosso Colégio de Oliveira do Douro. Foram responsáveis por este Seminário os pastores Samuel Monnier, da Conferência Geral, Harold Knott, da Divisão e José Carlos Costa, da União. A ele assistiram pastores, irmãos e irmãs de várias igrejas do continente e ilhas.

Mas, se métodos de evangelização pessoal foram apresentados, se os assistentes saíram dali entusiasmados, esperamos que este Seminário produza efeitos imediatos nas igrejas. O método que foi exposto é o método de Jesus, e o entusiasmo de que estava impregnado é o mesmo que fez com que a igreja primitiva pudesse desenvolver-se rapidamente e atingir muitos pontos do Império Romano. Igrejas começaram a nascer por toda a parte.

No entanto, para obter os resultados que a igreja primitiva alcançou, é necessário seguir os seus métodos, os seus passos.

Em primeiro lugar, a igreja primitiva orou para ser revestida do poder do Alto. Este é o primeiro passo a dar.

Convidamos as igrejas, os pastores, todos os que têm

uma parte neste grande trabalho, a fazerem das primeiras semanas de Outubro semanas especiais de meditação. Convidamos os obreiros e convidamos cada um dos nossos irmãos e irmãs a meditem, a lerem com atenção o livro de Actos dos Apóstolos. Quantas lições maravilhosas poderão ser recebidas!

O amor cristão que envolvia os membros da igreja primitiva, a forma como se juntavam para partilhar o que possuíam, como se reuniam para orar e para interceder uns pelos outros, que belo exemplo para nós!

A seguir, o livro dos Actos apresenta a maneira como, indo de casa em casa, eles faziam o trabalho de partilhar a sua fé — sem folhetos, sem revistas, mas com o calor e a convicção do seu testemunho pessoal!

Ora, são estes exemplos que nos ajudarão a pôr em prática os ensinamentos e o entusiasmo obtidos no Seminário Maranata. O fogo que ali começou a brilhar, é necessário que consiga alastrar-se rapidamente a todas as igrejas do nosso País.

MARANATA era a saudação trocada entre os cristãos. Significava: O Senhor vem! Será que continua a ter o mesmo significado para o povo que espera o Advento? Ou perdemos de vista a certeza de que o Senhor em breve virá?

É necessário, no entanto, lembrar que este plano deve ser feito em conjunto com o trabalho missionário da igreja. Não em separado, nem isoladamente. Nunca fora do conhecimento do Pastor, nunca fora do plano geral que cada igreja vai fazer. É muito importante colaborar uns com os outros. O trabalho isolado, ou a nosso bel-prazer, só redundará em prejuízo da igreja.

Do Seminário Maranata nasce o apelo à união da igreja no trabalho missionário. O slogan de COLHEITA 90 é: Obreiros e Leigos unidos!

Se Jesus em breve virá, compete-nos, como Seus mordomos, anunciar e apressar a Sua vinda. Como servos fiéis devemos fazer despertar nas nossas igrejas o espírito Maranata, que é o espírito de urgência, de dedicação, de amor pela obra de salvar almas.

Que o Senhor nos ajude a levar avante esta grande tarefa!

J. Morgado

A Voz do Amor pela Família

GARY B. PATTERSON

João foi para Maria uma constante lembrança do seu amorável Filho, e a presença de Maria falava a João do seu mais querido Amigo.

No Monte Sinai, a voz do amor familiar ecoava com grande poder, pronunciando um mandamento e uma promessa: «Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias» (Êxo. 20:12). Calmamente, no extremo da vida, a mesma voz falou do Gólgata. No Sinai, Deus *disse-nos* como amar; no Gólgata *mostrou-nos* esse amor em acção.

Maria vai seguindo a horrenda procissão. Segue-a impelida pelo amor maternal, embora o seu desejo fosse fugir daquela terrível cena. Como ela gostaria de poder limpar o suor da fronte torturada que um dia ela gentilmente afagou! Como desejaria poder pensar as Suas feridas, tal como o fazia quando Ele era menino! Maria segue-O e vê-O desfalecer sob o fardo da cruz. Vê-O cair, vergado pelo seu peso, no pó da estrada. Gostaria de poder ampará-l'O, segurar a Sua cabeça ferida, mas nem esse triste privilégio de amor materno lhe é permitido!

A procissão avança. A cena parece estranhamente irreal e, todavia, é horrivelmente verdadeira. Com a cruz, vai o seu Filho, a sua esperança de futuro, a sua segurança e amparo de velhice. Ao chegarem ao Gólgata, Maria fica com o aterrado grupo de fiéis seguidores que ali se tinham ajuntado, a despeito do perigo, só para estarem perto d'Aquele que amavam. Indentificar-se intimamente com um homem crucificado significava arriscar-se a ser condenado juntamente com ele, significava poder ser acusado de cumplicidade em insurreição e violência, pois essa era a acusação que pesava sobre os que iam morrer naquela colina.

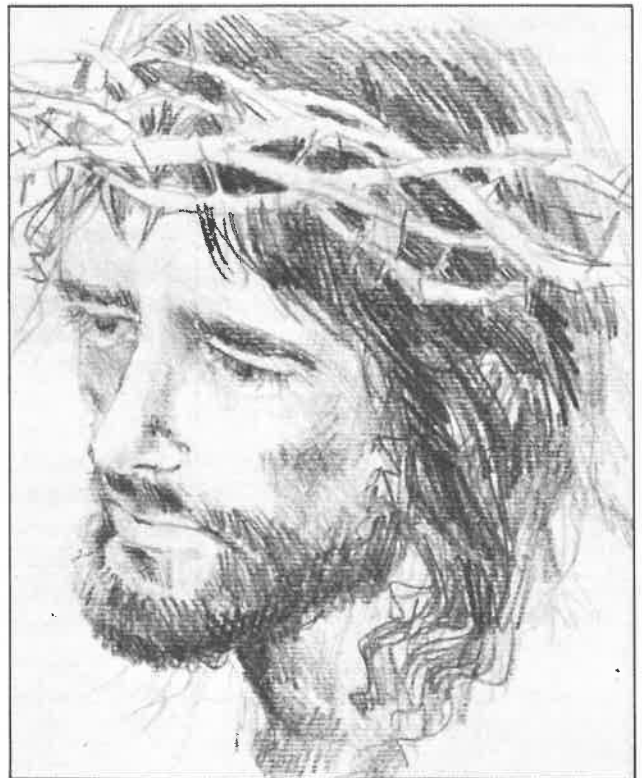
De modo geral, as mulheres não costumavam aparecer em cenas de crucifixação. Mas Maria não foi capaz de ficar longe. Na sua dor, ela alimentava ainda a esperança de que Jesus haveria de fazer prova do Seu poder e salvar-Se. É que Maria ainda não tinha compreendido a missão do Salvador. Por certo que Aquele que abria os olhos aos cegos, que puri-

ficara os leprosos, que ressuscitara mortos, que acalmara o mar enfurecido e expulsara demónios, podia livrar-Se a Si mesmo do poder dos sacerdotes e do exército romano!

Maria observa o que se passa. Vê, com angústia, os soldados colocarem os dois ladrões nas suas cruzes, e vê colocarem o seu Filho também na Sua cruz. Vê os cravos e o martelo, ouve aquelas pancadas terríveis que trespassam a carne, contempla o sangue que jorra das Suas feridas. Aquelas mãos que ela segurara ternamente quando Ele era bebé, aquelas mãos que ela treinara para servirem, aquelas mãos tão prontas a obedecer, aquelas mãos de carpinteiro que tantas vezes tinham pregado pregos, ela vê trespassadas e pregadas ao rude madeiro. O cabelo, que ela um dia afagara, a fronte que um dia fizera descansar, brilhava agora de perspiração e sangue. Demasiado abatida para continuar a ver aquela cena, Maria desmaia. Mãos carinhosas amparam-na e levam-na para longe daquele lugar.

Durante seis horas, o Salvador pende da cruz. João, que se mantivera perto durante toda esta horrível agonia, sente que Jesus não pode durar muito mais. Por isso, volta a trazer Maria para um último momento junto do seu Filho. Jesus olha ao redor. Busca uma face familiar, alguém que O ame, e vê Sua mãe aos pés da cruz, com João, o Seu mais querido amigo.

Naquele triste momento, o Seu olhar pousa neles, cheio de amor. E ao pensar na situação de Sua



GARY B. PATTERSON

Presidente da Associação Georgia-Cumberland

mãe, na sua necessidade e no seu medo de enfrentar sozinha o futuro, a voz do amor pela família faz-se ouvir e diz o seguinte: «Mulher, eis o teu filho!» E a João diz: «Eis a tua mãe!» «Mulher» era uma forma usual de se dirigir a alguém do sexo feminino, a qual denotava respeito e amor. O mandamento de honrar os pais, que Ele dera no Sinai, Ele o reforça agora, no Gólgata.

Da cruz, Jesus pronuncia a Sua última vontade, o Seu testamento. Todas as Sua possessões terrenas desapareceram: os soldados tomaram o pouco que tinha. Tudo o que pode deixar a Sua mãe, para sua manutenção, é o amor do Seu querido amigo João. Mesmo não tendo nenhuma fortuna a legar-lhe, nenhuma doação a fazer, para garantir o sustento e velhice de Maria, nem qualquer seguro que a protegesse, o Seu dom de amor de um amigo provou ser, de longe, mais valioso de que qualquer outro legado, porque a proveu de terno cuidado, o qual lhe não poderia ser outorgado por tribunais, nem retirado por leis, nem desvalorizado por inflação económica. Deu a sua mãe tudo o que tinha. Era apenas amor, mas esse amor tinha maior valor do que quaisquer propriedades ou possessões, porque vinha do Autor do amor.

Aquela cadeia de amor começara com o cuidado de Maria pelo infante Jesus. Termina com a retribuição desse amor nos momentos finais da Sua vida, quando Jesus manifesta a Sua preocupação por Maria. O Seu olhar de amor, as Suas palavras de preocupação, de desvelo e recomendação constituíram um lenitivo para Maria, proporcionando simultaneamente uma grande bênção a João, que a partir daquele momento foi para Maria uma constante lembrança do seu amável Filho, agindo para com ela em nome de Jesus. E a presença de Maria falava constantemente a João do seu querido Amigo. Ela tornou-se um legado sagrado a quem João votava o amor de um filho. Este dom bilateral foi o maior legado que Jesus poderia ter deixado aqueles que amava, porque, maior do que quaisquer heranças perecíveis, aumentava em vez de diminuir com o passar do tempo.

Dado que sabemos que João se ia tornar um importante líder da igreja, podemos perguntar-nos se ele não teria realmente coisas mais importantes para fazer do que olhar pela mãe de Jesus — coisas, como por exemplo, pregar, viajar, organizar igrejas, dar testemunho. Todavia, quão oca soaria essa desculpa quando ele se encontrasse de novo com o seu Mestre e tivesse de enfrentar a pergunta: Como cuidaste da Minha mãe?

Deus, na Sua infinita sabedoria, estabeleceu a família no Éden. No Monte Sinai, salvaguardou a santidade da família com dois mandamentos, o 5.º e o 7.º. O 5.º mandamento assegura-nos de que o re-

sultado de honrar esta relação familiar será o estabelecimento da sociedade em paz, felicidade e estabilidade.

A família forma a unidade básica da sociedade. Enquanto indivíduos, não somos solitários. Em família, aprendemos a cooperar, a partilhar, a conviver, a amar a Deus e uns aos outros.

Os pais dão uma imagem de Deus

Recebemos o nosso primeiro conceito de Deus através dos nossos pais, os quais se apresentam aos nossos olhos como fortes, sábios e dadores de leis. Se os pais são cruéis e tiranos, desprovidos de amor, os filhos assumem que Deus também é assim. Se são frouxos e descuidados, então, para eles, é como se Deus fosse também assim. Se são severos e distantes, os filhos vêem a Deus desse modo. Se são amoráveis e bondosos, também Deus é amorável e bondoso. Se os pais são responsáveis, alguém em quem se pode confiar, então também se pode confiar em Deus.

Uma tal responsabilidade pode ser aterradora, porque a verdade é que os pais cometem erros, transmitindo pecados de uma geração para a outra, até à terceira ou quarta. Mas o 2.º mandamento assegura-nos de que a misericórdia abunda em milhares de milhares e que esta cadeia de hereditariedade pode ser quebrada pela salvadora graça de Deus. É esta misericórdia que deve existir e abundar nos lares cristão, porque Deus deu-nos a capacidade de exprimir amor fisicamente, emocionalmente e intelectualmente. O mundo sofre por falta de amor verdadeiro, tendo-o substituído pelo prazer, pela luxúria e pelo apetite. O resultado é destruição em vez de felicidade.

Jesus demonstrou verdadeiro amor. Envolvido em luta cósmica contra o mal, o Salvador moribundo ainda tomou tempo para cuidar de Sua mãe. A voz do amor pela família fez-se ouvir em duas montanhas da Palestina: No Sinai, Deus falou com poder e majestade; no Gólgata, falou com angústia e sofrimento. Mas a mensagem foi a mesma: DEUS É AMOR!

OPERAÇÃO INTERCESSÃO

4.º Trimestre 1986

* COLHEITA 90

* A Obra na Suíça

a) População: 6. 531.000

b) Igrejas: 58

c) Membros: 4.071

* Reavivamento no culto familiar diário, bem como no estudo pessoal das Sagradas Escrituras

** Campanha de Evangelização de Elvas

Cristo já poderia ter vindo?

Conclusão da entrevista com o Pastor Raoul Dederen, professor na Universidade Adventista de Andrews, nos E Unidos

Revista Adventista — A segunda Vinda tem estado «próxima» por quase dois mil anos. Como podemos entender essa proximidade? E que é que Cristo está esperando: que o mundo piore, ou que o Seu povo melhore?

Raoul Dederen — Bem, acho que há uma má compreensão do que as Escrituras nos dizem, que é demonstrada às vezes quando as pessoas expressam esse tipo de preocupações e, conseqüentemente, decidem que não há mais razão para esperar a Segunda Vinda, uma vez que dois mil anos já é tempo suficiente, que já demos oportunidade suficiente para que Jesus voltasse. De acordo com as Escrituras, os últimos dias começaram quando Cristo morreu na cruz, ou mais exactamente, quando Ele ressuscitou dos mortos. Se dermos alguma importância ao que as Escrituras têm a dizer, e não como nós achamos que as coisas devam ser — porque nós vivemos 1950 anos depois de Cristo — será muito difícil negar que as Escrituras usam a expressão «tempo do fim» e «últimos dias» para o tempo que se seguiu à morte de Cristo. Agora, como podemos reconciliar isto com o facto de que dois mil anos mais tarde nós ainda nos achamos nos «últimos dias»? Aí está o mesmo paradoxo, outra vez, pois esta é a maneira como a Bíblia aborda a questão, e não como os gregos a abordam.

Segundo as Escrituras, quando Jesus morreu na Cruz, ressuscitou dos mortos, e ascendeu aos Céus. Ele tornou-Se Rei do Universo. Desde então, o «tempo do fim» começou. E apenas uma questão

de tempo. Devemos viver agora segundo os princípios do reino de Deus. Não devemos esperar até que Cristo venha para então dizer que o reino de Deus foi estabelecido. O reino de Deus é agora, e devemos viver agora como se já pertencessemos ao reino da glória. Segundo as Escrituras, o tempo do fim começou com a vinda do Messias. Isto é o que os judeus esperavam, o que eles ensinavam, e era assim que a igreja cristã primitiva o entendia. O tempo do fim havia chegado, e eles esperavam que Cristo voltasse na sua geração. E nós, tal e qual os crentes primitivos, também devemos esperar que Cristo venha na nossa geração. Apesar da demora que pode haver para que a Sua promessa se cumpra, devemos demonstrar a atitude mental cristã de que este é o tempo em que Cristo voltará! Assim, não há contradição entre a descrição de que Cristo virá em breve e o facto de que esta brevidade já esteja durando dois mil anos. A vitória sobre o diabo foi ganha. Trata-se apenas de esperar, agora, até que Ele venha.

Revista Adventista — Está Jesus limitado pelo tempo e pelo espaço?

Raoul Dederen — Sim e não, novamente. Se eu tivesse de escolher entre sim e não, eu diria não, pois não gosto de pensar que Deus seja limitado. Entretanto, é verdade que podemos descrever a Deus dizendo, por exemplo, que Ele Se acha limitado pela promessa que fez, e que precisa de esperar tantos anos até que a profecia se cumpra. Poderíamos dizer que Deus Se acha limitado pela Sua

misericórdia, que O impede de agir imediatamente contra os ímpios. São maneiras de dizer, e acredito que isto é o que Ellen White fez, quando numa ou duas passagens fala em Cristo estar «limitado» pela humanidade que assumiu, e a qual conservará por toda a eternidade, no Céu. Acho que isto é uma figura de estilo. Ela certamente não pretende transmitir a ideia de que Jesus é menos Deus, desde a Sua ascensão, do que o fora antes da Sua encarnação. Isto seria uma flagrante contradição com muitas outras declarações de Ellen White, que nos dizem muito claramente que Jesus Cristo é Deus pleno hoje, como sempre o foi. Assim, se Ele é Deus pleno, Ele não pode ser limitado. Desde que Cristo aceitou a tarefa de actuar como Mediador entre Deus e o homem, o Espírito Santo realiza a Sua obra, e nesse sentido podemos dizer que em virtude do propósito específico que está cumprindo agora, Ele Se acha limitado. Mas acho que não é a maneira ideal de se expressar. E note que não estou tentando corrigir uma declaração inspirada. Estou apenas procurando explicar o que, em minha opinião, Ellen White está querendo transmitir-nos. No contexto de muitas outras das suas afirmações, que tratam da vida e ministério de Cristo no Céu, não há dúvida, na mente de Ellen White, de que Cristo, desde a Sua ascensão, é Deus tão pleno como sempre o foi. E antes da encarnação, ela nos diz que «Ele era igual a Deus, infinito e onipotente. ... É o Filho eterno, existente por Si mesmo.» (*Evangelismo*, pág. 615.). Ora, como poderá alguém descrever isto como limitação de qualquer espécie?

Revista Adventista — Como poderia Cristo ter sido tentado em todas as coisas, como nós, se Ele pertenceu a determinado tipo de família, sexo, condição social, e época?

Raoul Dederen — Está a fazer-me uma pergunta muito pertinente e muito boa. Uma pergunta que é frequentemente feita pelo nosso povo, que não está satisfeito com o tipo de resposta que lhes temos dado.

Parece que a pergunta é motivada por um texto de Paulo em Hebreus 4:15: «Antes foi Ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado». Quer isto dizer, conforme pensam muitas pessoas, que todas as tentações que conhecemos hoje, Ele as conheceu? Certamente não, pois é simplesmente impossível pretender que todas as tentações da humanidade tenham sido concentradas no período da vida de uma única pessoa: Jesus Cristo.

O Novo Testamento divide as tentações em três categorias: o desejo dos olhos, o desejo da carne, e a vaidade da vida. Mesmo que façamos um resumo das tentações sob estas três categorias, eu ainda acho que não é sábio dar às pessoas a impressão de que todas as tentações que conhecemos hoje, Cristo as conheceu também. Não creio que seja este o significado do texto, pois nesse caso enfrentaríamos alguns problemas: Se Cristo se criou numa família pobre, como foi o caso, Ele conheceu as tentações de uma criança pobre. E há tentações. Mas Ele não conheceria as tentações daqueles que cresceram numa família rica. Deveríamos então dizer que eles representam uma categoria na qual Cristo não foi tentado? Não. Ou se têm pais bons, ou se têm pais maus. Não é possível ter ambos. Se se for criado numa família de pais bons, sabem-se as tentações dos que têm pais bons, e tentam fugir deles. Vemos isto acontecer todos os dias em boas famílias. Se se cresce numa família de pais maus e irresponsáveis, conhecem-se as tentações daqueles que vivem em tal situação, mas não ambas ao mesmo tempo. Assim, Cristo pertenceu a uma den-

tre duas categorias, e Ele não conheceu as tentações da outra categoria.

Cristo conheceu as tentações dos pregadores, dos mestres. Mas e as tentações de um piloto de aviões? Ou de um marinheiro? É muito simplista dizer que Ele as conheceu, pois as tentações são diferentes. E as tentações do carnaval no Rio de Janeiro? Ele viveu na Palestina, em época específica. Cada geração tem o seu tipo de tentações. O que estou tentando dizer é que há certos tipos de tentação que não encontramos em certas gerações. Ou certas tentações que encontramos em algumas pessoas e não em outras.

Isto me faz lembrar da reacção da minha mulher, ao discutirmos este assunto. Ela veio de uma boa família adventista, e um dia disse-me:

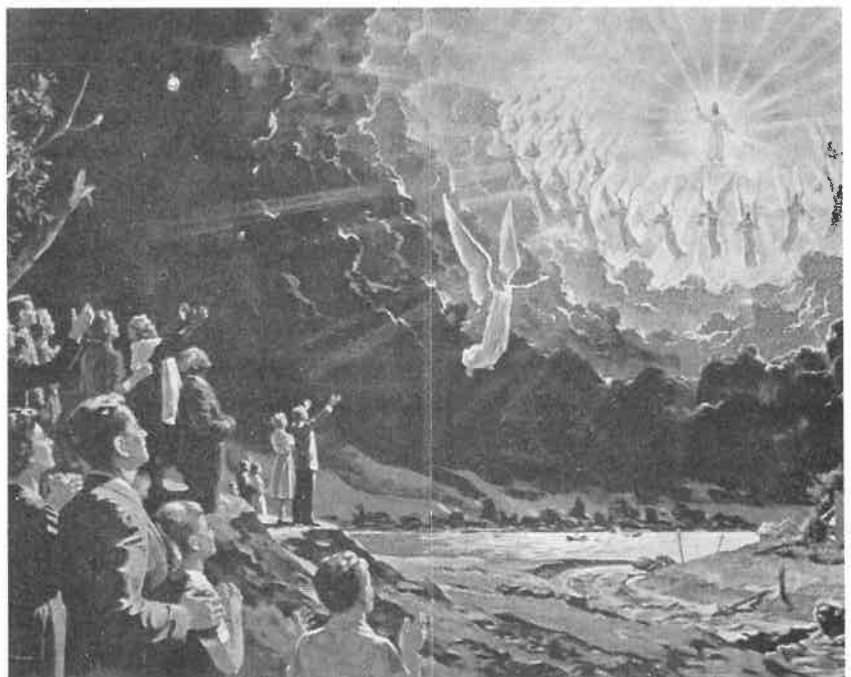
— Sabes, Raoul, esta é a primeira vez que este texto faz sentido para mim.

— O que queres dizer com isso? — perguntei-lhe.

— É o seguinte: quando eu era adolescente, durante a Segunda Guerra Mundial, o pastor veio um

Sábado e procurou animar os jovens a não cederem às tentações surgidas em decorrência da ocupação alemã, com as possíveis comodidades que poderíamos desfrutar, mas que permanecêssemos fiéis aos nossos ideais como cristãos e belgas (vivíamos na Bélgica naquele tempo). E o pastor disse: «Jovens, permaneçam fiéis aos vossos ideais. Não cedam à tentação de uma vida mais fácil. Todas as tentações que vocês experimentam, Cristo também as experimentou. Ele também viveu sob a ocupação estrangeira!» Não pude conter-me, e pensei: «Pregador tolo! Não sabe o que está dizendo! Como poderia Cristo ter sido tentado em todas as coisas, à minha semelhança, se Ele nunca experimentou as tentações de uma mulher?»

Estava ela errada? É claro que não. Se interpretamos Hebreus 4:15 como tendo o significado de cada tentação que enfrentamos Cristo enfrentou também, estaremos orientando mal o nosso povo, porque Ele certamente não conheceu as tentações das mulheres, se nos limitarmos a considerar ape-



nas esta categoria. E que eu saiba, esta categoria representa a metade da população deste mundo, e mais de metade nas nossas igrejas! Assim, parece difícil imaginar que Paulo quisesse fazer uma afirmação desse tipo. Ele era demasiado sábio para ignorar as dificuldades de interpretar o texto desta maneira.

Qual é o seu significado, então? Não quero fazer uma longa exposição aqui, mas quando se estuda o significado bíblico da tentação, descobre-se que, segundo as Escrituras, há dois elementos básicos na tentação: o primeiro deles é a ocasião da tentação — sou tentado a mentir, a cobiçar, a desonrar ou trair alguém. Para as Escrituras isto é apenas a forma externa, accidental da tentação, e esta varia de uma geração para outra, e de uma pessoa para outra, embora cada uma delas possa ser englobada dentro das três categorias já referidas anteriormente.

O segundo elemento é algo que poderíamos chamar de «base da tentação». A questão real pendente nesse elemento, é: Confio em Deus suficientemente? O suficiente para depender d'Ele e da Sua palavra em qualquer circunstância, ou tomo as rédeas nas minhas próprias mãos e ajo independentemente de Deus? Deixe-me dar um exemplo:

No Jardim do Éden, Adão e Eva não foram tentados, de facto, a comer do fruto de uma árvore específica. É claro que isto fazia parte da tentação, mas não constituía o âmago da tentação. Era apenas a ocasião. A questão real era: Confiavam eles suficientemente em Deus, a ponto de dependerem d'Ele, de aceitarem a Sua palavra e não tocarem no fruto? Ou procurariam colocar em primeiro lugar a sua própria vida? Eles não confiaram n'Ele, e expressaram a sua falta de confiança e suspeita para com Deus, tomando do fruto. Quando Eva apanhou o fruto, ela já havia tomado a sua decisão. Já

havia perdido a confiança em Deus. E o tomar do fruto foi simplesmente a expressão externa de algo que havia ocorrido no coração. Da mesma maneira, Jesus disse que aquele que cobiçar uma mulher, já cometeu adultério com ela, no seu coração, mesmo que não tenha tido oportunidade de ter relações sexuais com ela.

A tentação é uma situação em que se tem de fazer uma escolha. Ela varia na forma, mas a base é sempre a mesma. Coloco primeiro a Deus em minha vida, submeto-me a Ele, confio n'Ele, e vivo segundo Ele me indica ou ajo independentemente?

A tentação de Cristo no deserto não foi a de transformar pedras em pães. É claro que isto era uma tentação, mas era algo muito mais profundo do que isto. A tentação real de Cristo foi: «Achas que Deus iria abandonar-te por 40 dias neste deserto se fosses Seu Filho? Achas que podes continuar a crer em Deus e a confiar n'Ele? Ele abandonou-te sozinho aqui neste deserto! Não achas que chegou o momento de agir por conta própria? O que é que há de pecaminoso e errado em transformar pedras em pães, para comê-los após 40 dias de jejum?» Esta é que foi a tentação. Não o comer, mas o utilizar o Seu poder divino em Seu próprio benefício.

Isto quer dizer o seguinte: Jesus havia concordado em viver como homem, e em não usar poder não disponível a nós. Ele poderia ter usado a Sua divindade, mas seria isto da vontade do Seu Pai? E quando Cristo respondeu que «não só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que procede da boca de Deus», Ele estava na realidade dizendo: «Só recebo ordens de Meu Pai. Se Ele quiser que Eu transforme pedras em pães, Eu o farei. Se não, não.» Aqui se pode ver a ocasião da tentação: o comer. Mas isto é apenas a expressão tangível, externa e accidental da tentação. O coração

da tentação seria o seguinte: «Será que confias suficientemente em Deus, a ponto de esperares até que Deus Te diga o que fazer? Ou tomarás as coisas em Tuas próprias mãos e agirás independentemente?»

Quando o irmão e eu somos tentados hoje, a situação é a mesma. Quando caminhamos pelas ruas de S. Paulo, ou quando vemos televisão, ou conversamos, lemos um livro, ou nos deitamos — qualquer que seja a forma que a tentação assuma, o ponto crucial é este: Continua Deus a ser o primeiro em minha vida? Submeto-me à Sua palavra, ou tomo as rédeas em minhas próprias mãos?

Nesse sentido, Jesus foi «tentado em todas as coisas, à nossa semelhança» — no mesmo terreno, ou base. As tentações são diferentes na sua forma, mas o terreno é o mesmo. O problema conosco é que ainda pensamos, com base nas Escrituras, que o pecado é apenas «transgressão da lei». É verdade, mas é mais do que isto: pecado é o rompimento de relações. Se pudermos entender que somos tentados a romper relações, e não mais colocar a Deus em primeiro lugar, então entenderemos como Cristo «foi tentado em todas as coisas, à nossa semelhança». O segredo da vitória de Cristo é o segredo da nossa vitória. Ele não venceu só porque citou as Escrituras, como alguns pensam. Ele venceu porque colocou a Deus em primeiro lugar.

Revista Adventista — Jesus veio a este mundo a fim de morrer, e a Sua morte deveria envolver derramamento de sangue, porque «sem derramamento de sangue não há remissão» (Heb. 9:22). Mas seria necessário que Ele morresse às mãos dos homens, assassinado? Um acidente sangrento não teria sido suficiente para operar a nossa salvação?

Raoul Dederen — Sei que para muitas pessoas o conceito de derramamento de sangue é não apenas frustrante, mas também repulso. E devemos ter bastante cuidado quanto à maneira como nos expressamos. Jamais devemos dar a impressão de que foi a morte sangrenta de Cristo na cruz que fez Deus mudar de atitude e decidir perdoar-nos. Não devemos esquecer-nos que «Deus amou o mundo de tal maneira, que deu o Seu Filho Unigénito». Ele enviou o Seu Filho como propiciação pelos nossos pecados, conforme I João 4:10. Repulso como possa ser o conceito de derramamento de sangue, ele faz parte do modo como a Bíblia tenta explicar-nos o que acontece.

Entendo ter sido necessário que Cristo morresse às mãos dos homens. Creio que um acidente sangrento, como o ter sido atropelado por uma carruagem romana, não teria executado o plano. A morte de Cristo demonstra o quanto o homem odeia a Deus, o quanto o homem deseja que Deus não viva com ele, o quanto o homem, como pecador, se rebelou contra uma Pessoa. Ele simplesmente não quer que Deus dirija a sua vida. E a morte de Cristo, às mãos dos homens, parece ser uma maneira tangível de expressar que o homem se rebelou contra Deus. Deus permitiu que isto acontecesse a fim de que seja lembrado, porque diz muito mais do que se Deus tivesse escrito cem capítulos sobre o tema. É algo do qual jamais nos esqueceremos, porque, como diz o provérbio, «uma foto vale mais do que mil palavras». A morte de Cristo diz-nos realmente o quanto somos rebeldes contra Deus. Consequentemente, creio que Cristo, como nosso Redentor, não poderia ter morrido na cama, de alguma doença, ou de algum acidente, ou afogado, ou atropelado. Se Ele tivesse sido executado por enforcamento, assassinato, teria Ele cumprido a profecia? Não

sei. O ponto, porém, é este: Ele deveria sofrer morte violenta, às mãos dos homens. O homem deveria matar, ou tentar matar a Deus, a fim de livrar-se d'Ele. Uma vez que no Velho Testamento uma morte violenta é expressa pelo derramamento de sangue, essa foi a melhor maneira de expressar uma morte violenta. Mas deveria ficar inquestionavelmente claro

que Ele deveria morrer inocentemente às mãos dos homens. E não simplesmente por uma pessoa, por um líder, que poderia ter sido descrito como «fanático», ou acusado de ter perdido a cabeça. Deveria ser morto por um grupo de pessoas representando os vários níveis da sociedade, que juntos decidiram ver-se livres de Deus. □

PARA OS MAIS PEQUENOS

Helena toma uma boa decisão

— Que estás a fazer, Leninha, com esse pano do pó e o cesto dos papéis na mão?

— Estou a arrumar o meu quarto, mãezinha. Hoje é Sábado e eu quero que ele esteja em ordem.

— Mas eu tinha-te dito para o arrumares ontem. Não te lembras?

— Esqueci-me de arrumá-lo... desculpou-se Helena. E depois já era sol-posto...

— Bom. Acho que agora o melhor é deixares o quarto como está. Logo o arrumas amanhã. Limpar o pó, sacudir a cama, aspirar, etc, são coisas que se devem fazer no dia da preparação e não no Sábado, que é o dia do Senhor.

— Ó mãezinha, interrompeu Helena, não se lembra do que lemos há dias? Que os anjos de Deus têm prazer em ver quartos bem arrumados? Que eles gostam de ordem, asseio e perfeição?

— É verdade, Leninha. Os anjos apreciam ver um quarto bem arrumado e limpo, pois «a ordem é a primeira lei do Céu». Mas Deus dá-nos seis dias para arrumarmos a nossa casa. Os quartos, a sala, a cozinha, etc., tudo deve ficar em ordem antes do dia de Sábado.

do. É por isso que o 4.º mandamento começa com as palavras: «Lembra-te do Sábado para o poderes santificar». Temos de nos *lembrar* do Sábado antes do Sábado. Temos de fazer diferença entre os seis dias que são nossos, e o sétimo dia que é de Deus, para assim guardarmos a lei do Senhor.

Helena reflectiu um instante. Finalmente disse:

— Já sei o que hei-de fazer. Vou-me lembrar todos os dias do Sábado e vou arrumar o meu quarto todos os dias, até ao sexto dia, que é o dia da preparação. Nesse dia vou arrumá-lo duas vezes para ficar arrumado para o Sábado. Era assim que o povo de Israel fazia com o maná: na sexta-feira apanhavam o dobro para durar para o Sábado!

A mãe sorriu e disse:

— Que boa decisão, Leninha! É mesmo isso que deves fazer: arrumar o teu quarto todos os dias, e um pouco mais no dia da preparação. Verás que ao Sábado tudo estará em ordem e os anjos de Deus terão prazer em olhar para o teu quarto e para todas as tuas coisas!

M.R. Baptista



Porquê Colheita 90?

G. STÉVENY

Desde há algum tempo, falamos muito em crescimento da igreja. E tal expressão na nossa boca significa, claro está, crescimento da Igreja Adventista. Não será isto normal?

Saibamos, porém, que esta noção não é sem equívocos e até sem perigo. O pastor David Gill, secretário-geral da Igreja Unida da Austrália, definiu recentemente a evangelização como «o ídolo do protestantismo contemporâneo», querendo com isso levar a igreja a testemunhar do Evangelho de Cristo em vez de se empenhar em popularizar a religião cristã. Porque o valor da evangelização está ligado à pureza dos seus móveis. Dar a conhecer Jesus Cristo, testemunhar do Evangelho, anunciar o Reino constitui a vocação primeira da igreja. E para nos convenceremos disso, basta lembrarmos-nos das últimas palavras de Jesus aos Seus apóstolos.¹

A tentação da igreja foi sempre confundir a igreja-corpo activo de Cristo com a igreja-instituição. Já os reformadores se interrogavam sobre como institucionalizar uma *reforma permanente*. É evidente que a noção de reforma implica movimento, enquanto a de instituição exige estabilidade. Por outro lado, uma reforma que se não inscrevesse no tempo sob a forma de instituição não seria senão uma ideia efémera. Mas institucionalizada, a reforma corre o risco de traição. Reforma e instituição são inseparáveis, embora sempre em tensão. Não se pode negá-lo. Nunca se deve esquecê-lo.

«Quem defende demasiado fortemente a instituição actual torna-se rapidamente suspeito de preferir a forma exterior ao conteúdo, o Mensageiro à Mensagem, a Igreja ao Evangelho».²

Por conseguinte, crescimento

da igreja, sim, mas sem esquecer que a igreja é, antes de tudo, a família de Deus, constituída por membros de Cristo. Assim, os nossos esforços de evangelização tomarão, naturalmente, a direcção vertical, absolutamente essencial. Evitaremos a armadilha do triunfalismo. E o Senhor do Céu e da Terra «acrescentará cada dia à igreja aqueles que se hão-de salvar».³

— Bravo! dirão alguns. Preguemos o Evangelho e esqueçamos a igreja e, sobretudo, as particularidades da Igreja Adventista. Não nos preocupemos com a instituição!

— Calma, meus amigos. Vamos mais devagar. Reflitamos um pouco.

Não há dúvida de que o espírito não pode manifestar-se senão através do corpo. Não existe «puro espírito»! Por isso, Jesus escolheu falar e agir através da igreja, que é o Seu corpo. É por meio dela que Jesus está pessoal e realmente presente entre os homens. Nós próprios devemos o privilégio de conhecer a Jesus Cristo aos homens que, de certo modo, O encarnaram, através da história. Sem igreja, Jesus não existiria para nós. Não teria direito senão a estas breves linhas do Talmude babilónico: «Jesus de Nazaré foi crucificado na véspera da Páscoa, porque praticava a feitiçaria e desencaminhava Israel».

Hoje como ontem são precisas testemunhas fiéis. Mesmo na sua forma terrestre, a igreja supera a humanidade e recebe do Alto a sua identidade e a sua capacidade. Deste ponto de vista, descobre-se a necessidade de uma mobilização geral. «É um erro fatal pensar que cabe apenas aos pastores consagrados trabalharem pela salvação das almas... Todos quantos recebem a vida de Cristo são apartados para trabalharem pela salva-

ção dos seus semelhantes.»⁴

A igreja, corpo de Cristo, é também a coluna e suporte da verdade⁵, isto é, da Palavra de Deus.⁶ Os oráculos da antiga aliança foram confiados ao povo judeu.⁷ A igreja cristã é enviada ao mundo para ensinar a observar tudo o que Jesus prescreveu⁸, sem negligenciar nenhum jota.⁹ O apóstolo Paulo felicitava os seus ouvintes por terem recebido estes ensinamentos como sendo verdadeiramente a Palavra de Deus.¹⁰

Estas duas missões da igreja — corpo de Cristo e coluna da verdade — justificam plenamente, e por si só, a sua existência e a nossa adesão. Podem, além disso, ajudar-nos a compreender porque Deus suscitou a Igreja Adventista. A tentação permanente do povo de Deus — e a sua traição quanto à sua missão — foi desejar assemelhar-se ao mundo. Foi aí que Israel se perdeu. A igreja cristã em geral não faz muito melhor, infelizmente. Basta ver a maneira como trata a Bíblia, para nos convenceremos disso. Poder-se-ia hoje escrever um livro sobre a negação de Cristo na Sua Palavra. Como escreve ainda Erich Fuchs, «A Bíblia ganha bolor nos armários, os fiéis estão divididos, é a crise, inútil negá-lo... A Palavra desvalorizada na nossa sociedade de multiformes comunicações já não assegura prestígio ao pastor-pregador.»¹¹

Ora, ao longo da história da salvação, em todas as épocas de crise, Deus suscitou homens para reanimarem a chama e actualizarem a Sua mensagem, adaptando-a ao tempo presente. Noé, Abraão, Moisés, Elias, João Baptista são alguns exemplos típicos. Cremos que Deus permitiu o surgimento e surpreendente desenvolvimento do *Movimento Adventista* não apenas para continuar a levar fielmente ao mundo toda a Sua Palavra, mas também para chamar a atenção sobre as profecias que se aplicam mais especialmente à nossa época. Nesta óptica, o lugar que lhe está reservado nas profecias dos livros de Daniel e Apocalipse, entre outras, toma notável importância.

E, todavia, tem de resistir-se continuamente à tentação de que-

rer ser semelhante aos outros, perdendo o que constitui a nossa identidade própria. O nosso valor provém, precisamente, da nossa especificidade, quer se trate de doutrina ou de comportamento. Alguns acham que nos devemos misturar com o mundo e tornar-nos como ele para poder ganhar almas. Todavia, quando um homem cai ao fundo de um poço profundo, ninguém pensa em saltar lá para dentro, para o pé dele, a fim de o tirar cá para fora. Pelo contrário, fica-se cá bem em cima, e faz-se descer uma corda ou uma escada para o ajudar a sair desse poço.

Sabemos que o reino de Deus não se confunde com uma igreja. Logo, nós não trabalhamos para uma instituição. COLHEITA 90 não tem, portanto, como objectivo assegurar o triunfo da Igreja Adventista.

Mas Cristo tem necessidade de um corpo activo e bem organizado para ajuntar o Seu povo. Tal é a acção dos anjos de Apocalipse 14. São homens e mulheres, jovens e idosos, cheios de amor pela verdade, que esperam e apressam a vinda do Senhor. Resistem à ilusão de querer construir na Terra um mundo novo. A nova Jerusalém não se constrói em baixo: desce do Céu!

Chegados à última fase do conflito dos séculos, é preciso mobilizar toda a igreja. Que um evangelista fale a 1 000 pessoas, isso é uma boa coisa. Que 1 000 cristãos sejam motivados para entrarem em contacto com homens e mulheres e lhes comunicarem a grande notícia da volta de Jesus, isso é ainda melhor. Não será tal atitude uma forma de «vigiar e orar»? Para além das estatísticas, eis MISSÃO e COLHEITA 90 para salvação dos homens e para alegria do nosso Pai que está nos Céus.

1. Mateus 28

2. Erich FUCHS, *Le Protestantisme a-t-il fait son temps?*

3. Actos 2:47

4. E. G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, pp. 822, 823.

5. I Timóteo 3:15

6. João 17:17

7. Romanos 3:2

8. João 20:21; Mateus 28:20

9. Lucas 16:17

10. I Tessalonicenses 2:13

11. Erich FUCHS, *op. cit.* p. 35

Fé e Obras

PEDRO APOLINÁRIO

Paulo e Tiago Harmonizam-se

Paulo e Tiago não se contradizem, como pensava Lutero. Paulo não combateu as obras, nem Tiago a fé. Cada uma delas é legítima em seu devido lugar.

O estudo deste tema tem a finalidade de apresentar uma resposta de acordo com os ensinamentos encontrados nas Escrituras Sagradas. Em várias ocasiões, perguntas semelhantes a estas são apresentadas:

Qual a relação da fé com as obras? Se as obras não podem salvar a ninguém, porque praticá-las? Não parece haver flagrante contradição entre Paulo e Tiago a respeito deste assunto? O que nos distingue de outras crenças quanto à fé e às obras? Que devo fazer para salvar-me? Já pensou nesta declaração? As obras não salvam, mas por elas seremos julgados.

Para melhor compreensão do assunto seria útil definir fé e obras. Que é fé? Dentre tantas definições e explicações, talvez estas sejam as mais significativas:

a) «É um facto pelo qual o homem se entrega a Deus, que é ao mesmo tempo verdade e bondade, como a fonte única de salvação.» — *Bíblia de Jerusalém*, pág. 1.472.

b) «A fé é a confiança em Deus, ou seja, a crença de que Ele nos ama e conhece perfeitamente o que é para nosso bem.» E. G. White, *Educação*, pág. 253.

c) «Ora a fé é uma certeza confiante daquilo que esperamos,

uma convicção da realidade de coisas que não vemos.» Heb. 11:1. *Tradução de Weymouth.*

d) «Fé é um produto vital que produz obras.» — *Russel Norman Champlin.*

e) É a reacção do homem diante de uma acção de Deus.

f) É a completa entrega da nossa vida aos cuidados de Deus.

g) A fé não é a nossa salvadora, mas é o que nos propicia a salvação que Cristo realizou por nós.

h) É o acto de entrarmos numa relação de concerto com Deus.

i) «Fé significa lançar-se sem reservas nas mãos misericordiosas de Deus.» — *O Novo Dicionário da Bíblia*, pág. 609, editado por R. P. Shedd.

Que são obras?

a) É a observância às leis de Deus.

b) É a santidade pessoal, indicando obras de bondade e expressões de amor para com o próximo.

Os Espíritas, os Católicos e as Obras

A espinha dorsal da crença espírita é esta: «Fora da caridade não há salvação.» Eles fazem boas obras pensando obter a salvação, mas isto é antibíblico, pois sem Cristo estas não são aceitas por Deus.

Os católicos, por terem uma compreensão diferente do que seja justificação (para os seus teólogos é tornar justo), não souberam colocar a fé e as obras no verdadeiro sentido escriturístico. Para eles, por meio de obras humanas sinceras, combinadas com a fé, a pessoa se torna justa diante de Deus. Em outras palavras, a Igreja Católica agregou as obras à fé como meio de salvação. O seu prin-

PEDRO APOLINÁRIO

Professor de Crítica Textual na Faculdade Adventista de Teologia, São Paulo.

cípio é este: O homem é salvo pela fé e pelas obras. Este ensinamento também não deve ser aceito porque não se coaduna com a teologia bíblica.

As Escrituras declaram que somos salvos por uma fé que opera.

Paulo Versus Tiago

Desde Lutero, muitos têm visto uma oposição entre a fé e as obras, ou entre as declarações de Paulo e Tiago. Lutero estudou profundamente Romanos e Gálatas, mas apesar da sua cultura e sinceridade na pesquisa, não soube harmonizar estes dois livros com Tiago. Aparentemente ele parecia estar certo lendo Romanos 3:28 e Tiago 2:24:

«Concluimos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei.»

«Verificais que uma pessoa é justificada por obras, e não por fé somente.»

O grande reformador foi além, fazendo duas afirmações que se tornaram conhecidas.

1. Chamou o livro de Tiago de «Epístola de Palha».

2. Declarou que entregaria o seu barrete de doutor, se alguém conseguisse harmonizar Paulo com Tiago.

Lutero e outros estudantes da Bíblia ficaram ainda mais perplexos ao notarem que tanto Paulo como Tiago citavam o mesmo exemplo do Velho Testamento (o de Abraão), para justificar as suas teses aparentemente conflitantes. Estudiosos posteriores os harmonizaram baseados nas seguintes pressuposições:

a) Se Paulo e Tiago foram inspirados, como cremos, eles jamais se podem contradizer.

b) Paulo está-se referindo ao processo da justificação, no qual o homem nada faz, porque Cristo já fez tudo. Tiago trata do resultado da justificação.

c) Em Génesis 15:6, Abraão é citado como obtendo a justificação somente pela fé, mas Tiago relembra o incidente relatado em

Génesis 22, onde o velho patriarca demonstra que possuía uma fé operante.

Eneas Tognini, no livro «O Cristão e as Obras», página 56, afirma: d) «Paulo contempla a causa da salvação, o que é a fé em Cristo, e Tiago o efeito da mesma salvação que são as obras. Paulo não combateu as obras, nem Tiago a fé. Cada uma delas é legítima em seu devido lugar.»

Para a confirmação de que tanto Paulo como Tiago exaltam a fé e as obras, basta ler as seguintes passagens:

Tito 2:7: «Torna-te, pessoalmente, padrão de boas obras.»

Efésios 2:10: «Pois somos feita para boas obras.»

Tiago 2:17: «Assim também a fé, se não tiver obras, por si só está morta.»

Alguém comparou, com muita propriedade, a justificação pela fé (Romanos 3:28; Gálatas 2:16), e a justificação pelas obras (Tiago 2:24) ao verso e anverso de uma moeda. Embora diferente, ambos são necessários para formar a moeda. De modo idêntico, há necessidade da fé e das obras no processo da justificação. Para Paulo, as obras nada valem para a nossa salvação, pois esta é obtida pela fé em Cristo. Tiago, em contrapartida, evidencia na sua carta que a pessoa que obteve a salvação apresenta frutos em seu procedimento diário. Paulo revela um lado da moeda, Tiago retrata o outro. Boas obras são os frutos sadios de uma fé operante.

A justificação para Paulo é alcançada pela fé, instantaneamente, quando a pessoa aceita a Cristo. Tiago faz referências à sua manutenção no viver diário, pela obediência e prática de boas obras, que o Senhor espera daqueles que O aceitaram.

A verdade fundamental da teologia paulina é esta: O crente não é salvo por praticar boas obras. Ser «justificado por obras» na ideia de Paulo seria a rejeição de Cristo como nosso Salvador. Se o praticar boas obras propiciasse a

salvação, Cristo não precisaria de ter morrido por nós. As boas obras são condenadas quando praticadas visando à salvação; São, porém, necessárias e aceitas por Deus como resultado da salvação que Cristo nos oferece graciosamente.

«Paulo afirma que um homem é justificado perante Deus não por realizações, mas por uma fé verdadeira. Tiago declara que a prova de uma fé real é verificada no procedimento cristão.» — *Introdução ao Novo Testamento em Inglês Moderno* (1972).

Os oponentes da Bíblia costumam citar Romanos 3:28 e Tiago 2:24 como prova de que os seus autores se contradizem, no que diz respeito à doutrina da justificação. A leitura de tudo o que Paulo escreveu sobre justificação, prontamente esclarecerá que ele e Tiago não estão em desacordo. Ambos pregam a mesma verdade, mas sob ponto de vista diferente. A palavra justificação está sendo empregada com sentido diferente por eles. Paulo dá ênfase a um aspecto da verdade, Tiago salienta outro. Um diz: Não deveis confiar nas boas obras. O outro declara: Não podeis ser omissos na prática de boas obras.

Dentre os princípios exegéticos, o mais aplicável na solução desta divergência é o seguinte: O versículo deve ser explicado no seu contexto, levando-se ainda em consideração que, muitas vezes, a mesma palavra possui significados diferentes em contextos diferentes. O contexto de Romanos e Gálatas indica-nos que Paulo está-se referindo aos judeus legalistas, que criam nas obras para a justificação. Tiago dirigia-se aos crentes, chamando-os de irmãos (Tiago 2:1, 5, 14 e 15), por isso não pensavam em obras para alcançar a salvação. Eles declaravam que tinham fé, mas era uma fé intelectual. A sua declaração, no capítulo 2, versículo 24, tem esta conotação: A fé que não pode salvar é a que se mostra por palavras e não por ações.

A leitura de Tiago 2:20 em O

Novo Testamento Vivo transmite melhor o pensamento do autor: «A fé que não resulta em boas obras, realmente não é fé».

A palavra «obras» em Romanos e Gálatas tem o sentido de «cumprimento dos deveres da lei, como meio de alcançar a salvação». Tiago usa o mesmo vocábulo com a significação de obediência e santidade, praticadas não para conseguir a salvação, mas em virtude de termos aceito a Cristo como Salvador. Paulo refere-se às obras da lei, enquanto Tiago fala das obras da fé e do amor.

É fácil harmonizar fé e obras diante dos princípios apresentados e de outros que poderiam ser mencionados. Não há méritos em nossas obras, porque não as praticamos por nós como afirma o profeta Isaías (26:12). «Senhor, con-

cede-nos a paz, porque todas as nossas obras Tu as fazes por nós.» A pena inspirada confirma esta verdade:

«Não pode o homem salvar-se sem a obediência, mas as suas obras não devem provir de si mesmo; Cristo deve operar nele o querer e o efectuar, segundo a Sua boa vontade» — *Mensagens Escolhidas*, livro 1, pág. 364.

«Conquanto a verdadeira fé confie inteiramente em Cristo para a salvação, ela conduzirá à perfeita conformidade com a lei de Deus. A fé é manifestada pelas obras.» — *Review and Herald*, 05/10/1886.

A nossa igreja, desde o seus primórdios, defronta-se com o problema da correcta harmonização da fé com as obras. Este assunto mereceu um detido estudo na fa-

mosa Conferência Geral de Mineápolis, em 1888. Ellen G. White, naquele período apresentou informações seguras, que deveriam ser estudadas pela igreja hoje; por isso recomendamos o opúsculo da sua autoria «Fé e Obras», onde encontramos preciosos subsídios para a perfeita harmonização da fé com as obras.

Conclusão

A nossa prática como igreja é esta: Cremos e ensinamos que ninguém se salvará pelas obras; outrossim, damos ênfase a esta verdade: A fé legítima traz inegavelmente as boas obras. Boas obras são o fruto natural da fé. O crente não pratica boas obras para ser salvo, mas visto que Cristo o salvou, ele as pratica. □

JANELAS SOBRE O MUNDO

A Ponte Divina

Durante anos, os cristãos têm dividido os Dez Mandamentos em duas partes: os primeiros quatro mandamentos representam, segundo eles, os nossos deveres para com Deus, e os últimos seis, os deveres para com o próximo.

A primeira vista, esta divisão parece válida. Mas se aceitarmos esta opinião tradicional, deixaremos de apreender um aspecto vital do 4.º mandamento. Vejamos o seu texto:

«Lembra-te do dia do Sábado para o santificar. Seis dias trabalharás e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o Sábado do Senhor, teu Deus: não farás nenhuma obra» (Êxodo 20:8-10).

Algumas vezes paramos aqui. Porém, o 4.º mandamento continua:

«Nem tu, nem teu filho, nem a tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o teu estrangeiro, que está dentro das tuas portas» (v. 10).

Estas restrições do mandamento do Sábado fazem com que ele figure entre as primeiras legislações de protecção aos trabalhadores e também — e isto é extremamente interessante! — entre as primeiras leis de protecção aos animais.

De facto, descobrimos que o 4.º mandamento tem, ele próprio, duas partes: em primeiro lugar o mandamento de que devemos honrar a Deus, lembrando-nos do Seu santo dia e santificando-o,

e em segundo lugar, que devemos honrá-lo também através de uma atitude humana e compassiva para com aqueles que trabalham para nós — mesmo os animais!

Imaginem quão diferente seria este mundo se todos praticassem a mensagem de liberdade e igualdade que o 4.º mandamento proclama: que não é possível honrar a Deus sem demonstrar consideração pelos outros, especialmente os que trabalham para nós! Todos — patrões e empregados, senhores e servos, chefes e subalternos — devem descansar, mostrando submissão ao Criador.

Então, cada um de nós poderia entrar no espírito da verdadeira guarda do Sábado, esquecendo-se de si próprio e lembrando-se de Deus. Ou, como Abraham Joshua Herschel tão bem o disse: «O sétimo dia é o dia do armistício na cruel luta do homem pela existência, uma trégua em todos os conflitos pessoais e sociais, em que há paz entre o homem e o homem, entre o homem e a natureza, e paz no seu próprio coração. ...O sétimo dia é o êxodo da tensão, a libertação do homem do seu próprio barro, a sua tomada de posse como soberano no mundo do tempo.» — *The Sabbath*, p. 29.

O 4.º mandamento é extraordinário, é um mandamento único. Na realidade, pertence à classe dos «deveres a Deus». Mas pertence, também, ao grupo dos «deveres ao próximo». É uma ponte divina entre duas partes da Lei de Deus, colmatando o fosso que nós muitas vezes instituímos entre elas e as nossas próprias vidas. — *E. Lincoln*, R.H.

*Semana de Extensão Missionária:
11 a 18 de Outubro de 1986*

Projecto 1986: Um Centro Adventista de Medicina Social em Roma

JOHN GRAZ

Roma, com os seus três milhões de habitantes, constitui um poderoso desafio à evangelização. Os adventistas de Itália procuram responder a esse desafio através da criação de um Centro Adventista de Medicina Social.

Porquê um Centro de Medicina Social?

Porque Roma, como todas as grandes cidades modernas, conta entre a sua população homens e mulheres, cuja situação de higiene e de saúde é particularmente grave. Sabem, por exemplo, que a «cidade eterna» abriga cerca de 500 000 estrangeiros provenientes de países do terceiro mundo, que na sua maioria não beneficiam de



JOHN GRAZ

Segundo informações de *Enrico Long*, presidente da União Italiana

quaisquer regalias da Segurança Social italiana?

A primeira razão deste projecto é, por conseguinte, responder às necessidades dos mais carecidos. A segunda razão tem por origem uma preocupação de ordem espiritual. Ao auxiliar os mais necessitados, a Igreja Adventista tornar-se-á conhecida pela população e pe-

las autoridades. Os preconceitos serão atenuados e os corações ficarão mais sensíveis à recepção do Evangelho. Este projecto pode, pois, inscrever-se no grande movimento de evangelização COLHEITA 90, cujo objectivo é, em Roma, o estabelecimento de uma quinta igreja. Será este um bom método?

Teste positivo na Sicília

A criação de um Centro Adventista de Medicina Social (CAMS) em Roma é um projecto que já foi experimentado com êxito na Sicília. A iniciativa pertence ao Dr. Giacomo Mangiaracina. O primeiro CAMS foi estabelecido em Mazara. Esse centro está hoje dotado de moderna aparelhagem e desfruta da colaboração voluntária de diferentes profissionais da saúde. Ali se oferecem consultas gratuitas ou semi-gratuitas.



Além dos serviços prestados à população da cidade, o CAMS de Campobello di Mazara deu uma imagem positiva à nossa igreja. Como resultado, temos hoje, naquela pequena cidade de província, uma florescente e crescente comunidade adventista. A criação de um centro semelhante a este em Roma deveria certamente produzir os mesmos benefícios. Esse é o nosso desejo.

Ação preventiva e assistência gratuita

O Centro, que todos vamos ajudar a estabelecer, oferecerá os seguintes serviços:

1. Assistência médica gratuita aos imigrantes necessitados:
2. Prevenção e tratamento de doenças da civilização através dos seguintes métodos:
 - Educação sanitária e alimentar
 - Diagnósticos e conselhos preventivos de doenças cardiovasculares
 - Controlos médicos para fumadores, diabéticos, obesos, etc.
 - Tratamento de varizes e suas complicações patológicas
 - Luta contra o tabaco, o álcool e as drogas.

Quem dirigirá o futuro CAMS de Roma?

O Dr. Mangiaracina, fundador do CAMS, médico da Segurança Social italiana, especialista no tratamento de varizes, será o director do Centro Adventista de Roma. Ele aceitou assinar um contrato com a União Italiana, abandonando a sua clientela, para servir a tempo inteiro a obra de Deus, com o salário de um empregado da igreja. A presença de um tal espírito é, já em si, penhor de êxito.

Como será utilizado o dinheiro da Semana de Extensão?

O dinheiro recolhido durante a Semana de Extensão Missionária,

de 11 a 18 de Outubro, permitirá:

1. O aluguel de dois apartamentos no bairro de Roma onde se estabelecerá a quinta igreja da capital italiana;
2. O aluguel do local onde se estabelecerá o futuro centro médico;
3. A aquisição da aparelhagem

médica indispensável ao seu funcionamento.

Os adventistas de Itália esperam de cada adventista da Divisão Euro-Africana um valioso apoio, a fim de poderem concretizar este belo e corajoso projecto médico-missionário.

Carta de Itália

Caros Irmãos, Colegas e Amigos:

Como sabem, a União Italiana será, desta vez, a feliz contemplada com os fundos recolhidos pelas igrejas da Divisão Euro-Africana, por ocasião da Semana de Extensão Missionária. Esta Semana tem lugar, em alguns campos, de 19 a 26 de Abril, noutros (entre os quais, Portugal), em Setembro ou Outubro; outros, ainda, por circunstâncias várias, realizá-la-ão um pouco mais tarde, mas durante este mesmo ano de 1986. É, portanto, indispensável que vos fale sobre o destino deste dinheiro e vos dê pormenores acerca da sua aplicação. Isso permitir-vos-á encorajar os nossos membros a uma maior participação e motivá-los para o esforço que lhes é pedido nesta «Grande Semana».

Há já alguns anos, funciona na Sicília, mais precisamente, em Campobello di Mazara, um Centro Adventista de Medicina Social, conhecido pela sigla CAMS. Trata-se de uma iniciativa de um médico adventista, o Dr. Giacomo Mangiaracina, animado do desejo de utilizar os seus talentos em prol da Obra numa acção de medicina preventiva, de acordo com as recomendações do Espírito de Profecia. Em instalações alugadas para esse feito, o nosso irmão e sua mulher, que é enfermeira, ali trabalham dedicadamente, sem qualquer remuneração, em favor da população deste pequeno centro siciliano, para rastreio da doença e para tratamento das enfermidades, por vezes mortais, provocadas pela vida moderna. O impacto deste trabalho sobre a população tem sido enorme e, pouco depois da abertura do CAMS, organizou-se uma igreja adventista naquela pequena localidade.

No âmbito de uma acção diversificada em favor do desenvolvimento da nossa obra em Roma, aceitámos a proposta do ir. Mangiaracina de vir morar para a capital, com sua família, a fim de dar nascimento a outro CAMS, cuja finalidade seria dupla: assistência médica gratuita a todos os imigrantes provenientes do terceiro-mundo e que não estão ao abrigo da assistência médica, e prevenção e tratamento de doenças do chamado progresso, com o objectivo de dar a conhecer a Igreja Adventista como uma organização sensível ao bem-estar das populações. Para concretizar este objectivo, foi preciso que o Dr. Mangiaracina aceitasse abandonar a sua clientela particular e a sua prática médica actual para trabalhar como obreiro sob contrato durante cinco anos. Por outro lado, precisamos de alugar em Roma um apartamento para servir de alojamento ao médico e instalações suficientemente amplas para abrigarem os diferentes serviços previstos, bem como uma sala de reuniões para sessões regulares de desintoxicação tabágica. Tudo isso custa caro. Contamos com os nossos irmãos de toda a Divisão para nos ajudarem a reunir os fundos necessários à concretização deste projecto. Os irmãos e irmãs de Itália contribuirão na primeira linha, mas eles sabem que podem contar também com a solidariedade adventista.

Aguardamos, pois, confiantes, os resultados deste esforço comum. Peço-vos que aceitem e transmitam a todos os irmãos e irmãs a expressão do profundo reconhecimento da União Italiana

Vosso irmão em Cristo

Enrico Long
Presidente da União Italiana

Alpendurada — História de uma construção

A fé remove montanhas. Foi o que aconteceu, mais uma vez, em Alpendurada, com a construção da nossa igreja.

Primeiro, não havia terrenos, a seguir, o projecto custou a ser aprovado, e depois foi a falta de dinheiro. Tantos problemas! Quando aparecia algum terreno, era demasiado caro e tinha sempre complicações. Mas, finalmente, lá se comprou o terreno e fez-se o projecto, que a igreja aprovou, apesar de alguns acharem demasiado grande para Alpendurada. E começaram as documentações que demoraram quase um ano. Porém, um ano é apenas um dia em profecia!

Estávamos em Setembro de 1984 quando o projecto deu entrada na Câmara, para a aprovação final, e fez-se, simultaneamente, um pedido de isenção do pagamento de licenças. A câmara indeferiu ambos.

Recorre-se da decisão e o projecto volta a nova sessão. Foi então deliberado que, visto o terreno se encontrar numa zona habitacional, só seriam consentidos edifícios para outros fins mediante as assinaturas dos proprietários dos restantes 12 lotes.

Fomos contactá-los e todos assinaram, menos um, que disse, «não era contra nem a favor», mas que não assinava. Por cinco vezes metemos requerimentos à câmara. Diversos irmãos nossos, com conhecimen-

tos, tentaram ajudar, mas nada se resolveu. Quando o Pastor Matos veio da América, foi posto a par do assunto e compareceu a uma sessão da Câmara em que foi votado enviar um edital a cada proprietário e que, no caso de não haver nenhuma reclamação no prazo de 15 dias, o projecto seria aprovado.

Houve três reclamações. Para mim, foi demasiado e desanimado, fui-me embora. Ocorreu-me então que tinha comigo as folhas de papel selado com as 11 assinaturas autenticadas pelo notário. Voltei à câmara a levá-las, embora estivesse convencido de que isso não ia adiantar nada.

Às 2 h do dia 20 de Fevereiro de 1985, encontrava-me na sessão da câmara, com poucas ou nenhuma esperanças. Quando chegou o assunto da igreja, o presidente disse-me:

— Já sabe que houve três reclamações, por isso não há nada a fazer. A não ser que façam uma habitação, e depois a modifiquem.

Respondi:

— Isso nós já sabíamos, mas queríamos fazer tudo sem mentir. Tenho que compreender que o loteamento é para moradias e não pode ter outros estabelecimentos.

— Pode, disse o presidente. E o secretário foi consultar os livros, chegando à conclusão que



Grupo de crentes de Alpendurada

havia lá um pronto-a-vestir e uma loja de mobílias. O presidente disse então:

— Já que o loteamento está obliterado, eu assino este projecto, e «este chato» não nos aborrece mais. O «chato» era eu.

Depois do presidente, assinaram mais três a favor, e um, contra. Sete dias depois, levantámos o projecto.

Quando começámos a obra, havia apenas 220 contos e 100 foram para o furo artesiano, in-

Testemunho:

— Nascimento da Sala de Culto de Alpendurada

Havia apenas uma jovem adventista em Alpendurada. Eu a conheci em Oliveira do Douro e ela hoje é minha mulher.

Quando nos casámos, íamos muitas vezes a casa dos meus sogros. Eu gostava imenso daquela região. Quando surgia a oportunidade, falávamos do Evangelho. Os meus sogros começaram a seguir dois caminhos: não trabalhavam ao Sábado, mas continuavam a ir à missa ao Domingo. Quando acontecia passarmos o Sábado com eles, fazíamos a Escola Sabatina e eles assistiam.

E, pouco a pouco, foram aceitando a fé. Achavam, porém, que só se poderiam baptizar quando o filho mais novo fosse para a tropa. Num bela sexta-feira, deu-se um milagre: Eu estava a jogar à bola com esse meu cunhado. De repente, olho para o relógio e digo:

— Está quase na hora do Sábado. Temos de ir fazer o pôr-do-sol (referia-me à reunião do começo do Sábado). Se não te importas, conti-

nuamos o jogo no Domingo!

Ele concordou. Mas pouco depois disse a sua mãe que nós guardávamos melhor o Sábado do que eles o Domingo! O milagre foi que o meu cunhado passou a encorajar os pais ao baptismo.

Algum tempo depois eu entrei na colportagem e no ano de 1977 encontrava-me com residência em Alpendurada. Alugou-se então uma pequena sala para se fazerem pregações, de acordo com a sugestão do Pastor Maurício, que era o pastor de Oliveira do Douro. Todos os Sábados à tarde, um grupo de irmãos fazia 120 quilómetros para vir fazer a reunião em Alpendurada. Muitas vezes, deixavam bons programas na sua igreja para aqui se deslocarem. E faziam-no à sua própria custa.

Agora, após 10 anos de perseverança, vai nascer uma nova igreja, porque a construção aproxima-se do fim.

Euclides Alves
Colporteur-evangelista



Igreja em Construção

dispensável. Estudámos vários orçamentos, mas mesmo o mais baixo ficava além das nossas possibilidades. Fizemos então alguns prospectos e espalhámos entre a população, e os fundos começaram a vir à medida que fomos precisando deles para fazer os pagamentos. Até mesmo familiares daquele que votara contra deram para a nossa construção. Ofereceram-nos, também, diversos materiais. E lá fomos avançando.

Na altura em que iniciámos o projecto de Alpendurada, a nossa igreja-mãe de Oliveira do Douro tinha acabado de fazer um enorme esforço financeiro com o seu próprio templo, mas a verdade é que, apesar desta circunstância, eles foram generosos para connosco e sempre nos ampararam moralmente e financeiramente. Muitos outros nos deram a sua colaboração. A União compreendeu muito bem o nosso problema e participou

com 450 contos; graças a um artigo escrito pelo pastor Matos na Revista Adventista e por conhecimentos grangeados nos Estados Unidos, vieram mais de 200 contos; e até os vizinhos colaboraram dando água, pois não dispúnhamos de fundos para comprar um motor ou pagar a luz. O nosso pequenino grupo aqui tem dado e feito muito além das suas possibilidades.

Estamos gratos a todos os que ajudaram a construção da igreja de Alpendurada. No momento em que lerem este artigo, já só faltará o recheio da igreja. Esperamos que ainda nos cheguem «Antónios Sérgio» (notas de 5.000\$00) para finalizar esta obra, e desde já renovamos o convite para que venham visitar Alpendurada. Aqui vereis uma igreja que honra o nome do Senhor e mostra que nada é impossível a Deus.

Lucíades Alves
Colportor evangelista



A irmã Maria Manuela sendo baptizada na Ribeira da Meimoa

mas maior ainda a alegria estampada no rosto daquele grupo e muitos não conseguiram reter as lágrimas, não de tristeza, mas de profunda alegria e gratidão, porque o Céu havia descido ao acampamento. Depois das perguntas habituais e a 10 ou 20 metros dali, teve lugar o baptismo na ribeira da Meimoa. No rosto e nos olhos da Manuela aparecem os sinais de que Jesus vive. Bem-aventurado o povo que tem oportunidade de ver tão sublimes manifestações do amor de Deus! Obrigado, querido Senhor!

Mas a festa não terminaria aqui. Oito dias depois, a igreja tinha oportunidade de ver outra manifestação tão doce da operação do Espírito Santo. Alguém, que em Angola já havia pertencido a este rebanho e que por algum tempo esteve ausente, regressava agora para o redil. Quando a irmã Judite Bizarro aparece no baptistério, todos têm oportunidade de ver a paz e a alegria que vão naquela alma. Depois, ao testemunhar da maneira como Deus a trouxe de volta ao lar, as lágrimas então verdadeiras ainda trouxeram mais paz e alegria àquele rosto.

Nos apelos feitos, diversos amigos responderam, mostrando que desejam preparar-se para o baptismo. BEM-AVENTURADO É O POVO CUJO DEUS É O SENHOR! Ora vem Senhor Jesus!

Reinaldo dos Santos
Ancião da Igreja de
Castelo Branco

pastor da igreja, fazem-se todos os preparativos, e no acampamento praticamente ninguém sabe o que vai acontecer. Então, no Sábado à tarde, o Pastor Oliveira aparece no acampamento e tudo está preparado para uma reunião espiritual. Além do grupo estão presentes outros membros das igrejas e algumas visitas. E na pregação ali vem a surpresa, o prato mais saboroso do acampamento: a Manuela está aqui pronta para ser baptizada, agora mesmo! Surpresa grande,

Por Terras da Beira Baixa

Com o aumento do calor pelas terras da Beira Baixa, acentuou-se a ideia de levar avante um pequeno acampamento para os crentes de Castelo Branco, Atalaia do Campo e Fundão. Ao verificarmos que o período de 29 de Maio calhava numa quarta-feira, achámos que era uma ótima oportunidade de levar as tendas para uma zona que Deus beneficiou com tanta beleza e tão boas condições para um convívio cristão. Cerca de «20 campistas» fazem as malas, compram o indispensável para 4 dias e ei-los partindo de Castelo Branco, Atalaia e Fundão com rumo à beira da ribeira da Meimoa, a poucos quilómetros da Capinha.

Falta-nos, naturalmente, espaço para contar tanta coisa que de bom aconteceu. Que maravilhosa camaradagem, que boa comida, que saborosas reuniões espirituais! Alguém dizia que isto é uma animadora perspectiva da vida na Nova Terra e que bom seria ficarmos sempre assim até Jesus voltar! Um dos mais pequenos (8 anos), ao re-

gressar a casa, dizia para a mãe a chorar: «Oh mamã, deixamos a nossa casa e vamos viver para aquele acampamento.»

E o Sábado aproximou-se. Às 10 horas teve lugar a Escola Sabatina, tendo sido o grupo dividido em 2 classes, e depois o culto, em conjunto. Mas o melhor do acampamento havia de ter lugar à tarde. Estava connosco uma jovem professora primária que havia ganho o coração de todos os membros: Havia alguns meses que a Manuela vinha estudando, com muito interesse, as doutrinas de Jesus, e era tão animador constatar a sua alegria pela operação que o Espírito Santo estava fazendo no seu coração. Aguardava-se que ela desse o sim ao convite do Espírito Santo. Tinha-se marcado o dia 7 de Junho para baptismos mas o nome da Manuela não estava lá. Contudo, três dias antes do acampamento, ela disse que sim ao Espírito Santo e por sugestão de um dos organizadores daquele convívio, devia guardar-se segredo do baptismo até pouco antes. Com o apoio do

A Região de Basto também é notícia

Nesta Região de Basto (Cabeceiras, Mondim e Celorico de Basto), região essencialmente rural, a mensagem de Deus é pouco difundida. Nos meus habituais contactos, vejo que confundem os Adventistas do Sétimo Dia com as Testemunhas de Jeová, que nesta área não largam as almas indecisas na verdade.

Urge dar a conhecer a mensagem que nós, adventistas, tão bem conhecemos.

Quantas são as almas que a não conhecem?

Eu conhecia-a assim...

Foi através dos meus tios, José Manuel e O. Garcês, que há vários anos recebi o chamado de Deus, entregando-me ao Senhor, através do baptismo em 24 de Maio de 1986. Frequentei, juntamente com minha mulher o Curso de Colportagem em Outubro de 1985. Fui um católico praticante, cursista e catequista, sendo colaborador de jornais re-

gionais (*Terras e o Povo de Basto*). Hoje, após ter trabalhado em várias empresas de vendas do mundo, estou feliz por ser um dos muitos mensageiros de Deus da página impressa. Vou batendo e levando com «a porta na cara» de casa em casa, mas precisamos de bater se quisermos que a porta se nos abra.

O Colportor-Evangelista é o ministro ou embaixador de Deus. Não poderei tropeçar no desânimo, mesmo que esta seja, tal como muitas outras do País, uma região 100% católica!...

Diariamente sinto grandes dificuldades, pois o fogos são dispersos, mas Deus propocionanos sempre uma boleia, belos

sapatos ou mesmo um confortável transporte!

Todos são os dias em que deixo nos lares a mensagem que Deus tanto deseja... *Sinais dos Tempos, Tele-Mensagem, Voz da Esperança*, e as nossas publicações!

Muito recentemente a *Revista Saúde e Lar* esteve em evidência na «3.ª Exposição de Forma de Olhar Celorico de Basto», que durante 15 dias foi visitada por mais de 25.000 pessoas.

Cabeceiras de Basto será em Setembro a próxima meta. Que Deus me ajude a ter coragem na grande responsabilidade que me concedeu....

Álvaro Bastos
Colportor-estagiário

Baptismos em Ponta Delgada

Dar notícias, quando elas são boas, é uma alegria! Manifestar gratidão é a expressão máxima da alegria. Assim o revelou o profeta ao exclamar: «BENEZER, até aqui nos ajudou o Senhor» (I Sam. 7:12).

A igreja de P. Delgada sente-se feliz por poder registar, mais uma vez, nas páginas da Revista Adventista uma boa notícia:

No dia 31 de Maio findo, teve lugar uma cerimónia baptismal, na qual mais 4 almas selaram o seu pacto com Jesus. É-nos grato salientar que a maior parte dos membros baptizados são gente nova. Com este facto, muito beneficiará a igreja.

Há mais pessoas que pediram o baptismo e certamente serão baptizados na próxima oportuni-

dade. Quão gratos se sentem pelo tesouro da verdade que receberam, que não só os enriquece, mas também a toda a igreja!

Razão tinha Jesus quando disse que uma alma vale mais que o mundo!

Podemos afirmar que as almas são muito preciosas.

Eis o nome dos novos irmãos de Ponta Delgada: Manuel Teves, Ermelinda Vidal Couto, Ana Maria Farias Almeida e Eduardo Falcão Ferreira Dinis.

Estamos gratos por esta vitória. Que estes novos irmãos sejam o motivo e cuidado das nossas orações!

António Marques Teixeira
Pastor da Igreja de Ponta Delgada

Cerimónia Baptismal em Vila do Conde

No dia 10 de Maio de 1986, houve festa em Vila do Conde. Teve lugar mais uma cerimónia de baptismos.

Ainda não se tinham apagado das nossas mentes a alegria imensa que vivemos em 19 de Outubro de 1985, data em que festejámos o primeiro aniversário dos nossos clubes Desbravadores e Tições, e em que foram baptizados os Jovens Toninho, Carla e Luís, todos membros dos Clubes, e eis que novo grupo de jovens decidiu entregar-se a Jesus através das águas do baptismo, cerimónia que esteve a cargo do obreiro local, Pastor Justino Glória.

Dos quatro jovens agora baptizados, dois casos merecem referência especial: a Luísa, uma jovem mãe desde há algum tempo em contacto com membros da igreja, mas que só em Outubro entrou pela primeira vez no nosso templo — precisamente para assistir a uma cerimónia baptismal. Gostou, e a partir daquele dia decidiu entregar os seus caminhos nas mãos de Jesus. Frequentou uma classe baptismal durante estes meses e decidiu baptizar-se. O outro caso, é o do Mário, o Mário Soares de cá, como costumamos chamá-lo por brincadeira. O Mário é um jovem de vinte e oito anos, filho de pais adventistas que frequentam a igreja do Porto. Veio sozinho para Vila do Conde e, reservado, começou a frequentar a igreja com assiduidade, talvez pelo desejo de companhia. Com o tempo criou amizades, sobretudo entre os jovens. Acabou por ficar e colaborar activamente com os clubes e com as actividades dos jovens, tornando-se um precioso elo de ligação entre os nossos jovens e os de

outros clubes vizinhos, sobretudo os do Porto, participando dum modo muito activo nas nossas actividades. Dos restantes participantes na cerimónia, a Raquel e o Joel são também membros do Clube. Seguindo o exemplo dos jovens baptizados em Outubro, e com a aquiescência dos pais, decidiram também manifestar publicamente a sua decisão por Jesus.

O Clube esteve presente, fazendo-lhes «guarda de honra» no decorrer da cerimónia.

Para esta, à qual estiveram presentes cerca de duzentas pessoas, contámos com a grata colaboração da igreja de Espinho, cuja parte musical esteve a cargo dos seus grupos corais (excepção feita à apresentação dum número especial pelo coro da igreja local), e que nos agradeceu logo a seguir à cerimónia de baptismos com um belíssimo programa musical para jovens. Jovens e adultos que dali não arredaram pé até que terminasse, cerca de 19,30 horas.

Gratos também ficamos ao irmão Mendes, ancião da igreja de Braga, a cargo de quem esteve uma interessante prelecção sobre baptismos, que antecedeu aquela cerimónia. Expressamos ainda a nossa gratidão a todos os nossos irmãos e amigos que se deslocaram das suas igrejas, algumas distantes, para nos trazerem o calor da sua presença.

Esperamos que a cerimónia baptismal tenha também servido de inspiração a todos aqueles que ainda não se decidiram a dar esse sublime passo. MARANATA!

J. L. Sepulveda
Director de Jovens da Igreja de Vila do Conde



Os novos membros de Ponta Delgada

Baptismos em Matosinhos

O Dia Mundial de Baptismos foi dia de festa espiritual na igreja de Matosinhos. Pela graça de Deus, cinco preciosas almas se entregaram ao Senhor. É uma

alegria quando se abre a porta do baptistério e a maneira como estes novos irmãos tomaram a sua decisão é certamente um milagre da graça divina. Eis al-

guns dos seus testemunhos.

Começamos pelo do nosso novo irmão Herculano Silva. Este irmão, que passou dez anos na igreja, quando havia apelos sempre se levantava, mas a oportunidade para o baptismo era sempre difícil, pois não tinha o sábado livre, por causa da sua profissão. Ele é funcionário da colónia penal de Santa Cruz do Bispo. Mas o poder das orações é, sem dúvida um grande poder, e ele saiu vencedor. Era o único da família que faltava baptizar. Para este irmão, o nosso voto é que as bênçãos de Deus se façam sentir no seu trabalho, após a sua decisão de se entregar a Cristo.

Temos também o testemunho do nosso irmão Carlos Moraes. Sendo deficiente motor, não lhe era fácil o baptismo por imersão. Tinha que ser agregado à igreja por voto, mas este nosso

irmão, com todo o seu sacrifício, quis ser baptizado como Jesus, entrando nas águas baptismas. E assim foi feito.

O testemunho de dois jovens irmãos, o Nuno e a Liliana também esteve à altura da sua fé e da sua idade.

A jovem Arminda testemunhou a sua fé juntamente com este grupo de irmãos. Como é belo ver os jovens darem este passo! O trabalho junto destes nossos irmãos jovens deve-se em parte à sua monitora Cidália Moraes, a que se juntou o carinho e o tacto do Pastor Laranjeira.

Assim, Deus usa diversos meios e diversas pessoas para chamar a Si aqueles que se hão-de salvar e unir-se à Sua igreja na Terra.

Alberto Silva
Ancião da Igreja



Os novos membros ladeados pelo Pastor local e esposa

Convenção Anual de Obreiros

Realizou-se no Colégio Adventista de Oliveira do Douro, de 6 a 11 de Julho, a Convenção anual de obreiros da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia.

Estiveram presentes, como dirigentes da mesma, além do Pastor Joaquim Morgado, o Pastor Juvenal Gomes, respectivamente, presidente e secretário-tesoureiro da nossa União, o Pastor Carlos Aeschlimann, Secretário-Adjunto da Associação Ministerial da Conferência Geral, com responsabilidade especial de implementar *Colheita 90* a nível mundial, e o Pastor George Stéveny, Secretário da nossa Divisão Euro-Africana.

O Pastor Aeschlimann falou-nos sobretudo dos planos, objectivos e meios de alcançar *Colheita 90*, que, como sabem, é o Plano-Mestre, do Evangelismo para os próximos 5 anos, isto é, desde a última sessão da Conferência Geral, em 1985, em Nova Orleães, até à próxima, a realizar em Indianápolis em 1990, em que a igreja, a nível mundial, se propôs alcançar uma média de 1.800 baptismos por dia. É, sem dúvida, um plano ousado, mas, como todos sabemos, o evangelismo sempre esteve baseado na ousadia. «Tendo, pois, tal esperança, usamos de muita ousadia no falar» (II Cor. 3:12).

O Pastor Stéveny falou-nos

com a sua habitual mestria sobre o belo tema: «Justificação pela Fé». E a pedido de alguns obreiros falou-nos ainda, embora resumidamente, dos aspectos históricos, arqueológicos e escriturísticos da data do Decreto de Artaxerxes, realçando de modo concludente a contribuição correcta do Espírito de Profecia quanto à interpretação de tão importante período profético, que está na base do surgimento, desenvolvimento e missão do Movimento Adventista do Sétimo Dia. Sem uma clara e correcta interpretação deste período profético não teríamos razão de existir e toda a nossa missão cairia por terra, caso se provasse estar errada tal interpretação. E é o que o inimigo tem tentado, com o fim de derrotar-nos e anular a missão que o Senhor nos confiou. As recentes provas históricas e arqueológicas comprovam a exactidão da interpretação que temos dado a este importante e capital período profético das Escrituras.

Creio que todos os obreiros se sentiram revigorados e reanimados a prosseguir na sua tarefa, após terem escutado tão valiosos e inspiradores temas.

Que o Senhor Se digne de agora em diante, até à próxima Convenção, animar, fortalecer, consolar e impelir cada obreiro na tarefa que Ele nos confiou.

— M. N. Cordeiro

O CAMPO É O MUNDO — NOTÍCIAS

Saragoça

4 igrejas; 800 membros adultos; 200 jovens activos, agrupados em diversas associações de jovens; 1 escola primária, com 150 alunos; 8 instituições.

Assim se poderia apresentar a comunidade adventista de Saragoça, que apresenta um crescimento de 5 a 6% por ano.

A construção de uma quinta igreja está já votada. Situar-se-á na periferia da cidade. Entre os

projectos, uma estação de rádio e, talvez, um restaurante vegetariano.

José Perez, pastor distrital, é coadjuvado por três assistentes. Mas, segundo ele mesmo diz, o essencial do esforço feito em Saragoça deve-se à colaboração de membros leigos, cuja participação nas responsabilidades tem sido decisiva.

Saragoça: Baptismo de Ciganos Espanhóis

No dia 8 de Março deste ano, 600 pessoas assistiram ao baptismo por imersão de 7 ciganos espanhóis, de idades entre os 12 e os 30 anos. A cerimónia teve lugar na igreja central de Saragoça, no bairro de Torrero.

O Pastor José Perez, distrital de Saragoça, procedeu ao baptismo dos candidatos. A liturgia esteve totalmente a cargo de ci-

ganos adventistas. Estes distribuem-se pelas quatro igrejas da cidade e formam uma comunidade de cerca de 80 adultos, ou seja, um décimo do total dos membros, o que na Europa representa uma percentagem excepcional.

Segundo o Pastor Perez, há mais 20 a 25 ciganos que se estão preparando para o baptismo.

Os adventistas ciganos de Sargocha sempre desejaram integrar-se às igrejas já existentes, e constituem uma influente comunidade espiritual. O seu interesse pela nossa mensagem nasceu há 25 anos e foi o resultado do testemunho de uma parceira adventista, a irmã Cardona, junto de uma personalidade local

do mundo tsigano, chamada a «Faraona». Após a sua conversão, a «Faraona» não deixou de exercer uma grande influência junto dos seus irmãos. Venerada pelo seu povo, ela vê hoje a sua fidelidade recompensada e o seu testemunho dar abundantes frutos. — *John Graz.*

700 Desbravadores presentes tiveram a oportunidade de tomar parte numa demonstração em favor da paz, com largada de balões, e organizaram ainda um cortejo, através de uma pequena

cidade, para testemunho público.

O 5.º Camporee de juvenis adventistas teve lugar no Moulin de l'Ayrolle, localizado a 70 Km de Montpellier, no sul da França.

Intervenção em favor da liberdade Religiosa nas Filipinas

Convidado pelos Adventistas das Filipinas, em número de 900 000 membros, entre os quais 300 000 adultos baptizados, deslocou-se a Manila, de 18 a 22 de Março, o Pastor Rossi, secretário da Associação Internacional para Defesa da Liberdade Religiosa.

Logo no dia 19 foi recebido pela Sra. Rosalinda Tirona, ministra-adjunta para as Nações Unidas. O Pastor Rossi exprimiu-lhe as preocupações das minorias religiosas quanto à nova constituição, dado que alguns receiam que seja posta em causa

a separação do Estado e da Igreja, em favor da Igreja Católica, maioritária no País. A ministra declarou-se muito empenhada na lei da separação, tal como o governo a que pertence, e prometeu fazer chegar à presidente Aquino uma recomendação neste sentido.

Como resultado desta entrevista, a Igreja Adventista tomou a iniciativa de reunir os representantes das minorias religiosas das Filipinas para procederem a diligências conjuntas em favor da manutenção da lei da separação.

Berlim Leste — Medicamentos para a Tanzânia

A União das igrejas adventistas da República Democrática Alemã recebeu autorização para enviar um auxílio para a Tanzânia, no valor de cinco mil contos, sob a forma de medicamentos e produtos diversos. A expe-

dição chegou já a Dar es-Salam, a capital, em perfeitas condições.

O auxílio foi concretizado através do comité de Solidariedade da RDA.

Brasil — Pastor Victor Martinez Faz parte da Comissão Governamental de Saúde

O Pastor Victor Martinez, bem conhecido na família adventista portuguesa, como português que é, está há alguns anos radicado no Brasil. Ele é o capelão do Hospital Adventista de S. Lucas, no Rio de Janeiro.

O hospital oferece semanalmente cursos de nutrição, de combate ao stress e à obesidade, além dos conhecidos planos de 5 dias para deixar de fumar. Estes cursos são realizados em diversos organismos privados, em escolas e universidade, em igrejas católicas, baptistas, etc. A rádio e TV locais anunciam estes programas.

Quando realizava palestras em seminários e congressos sobre as nefastas consequências do uso de drogas, o P. Martinez conheceu o Dr. Germano Gerhard Filho, que é actualmente o director da Divisão Nacional de Pneumologia Sanitária do Ministério da Saúde. O Governo encarregou-o de organizar um comité nacional para o controlo do problema do consumo de tabaco. E

claro, o Dr. Gerhard lembrou-se do P. Martinez e da Igreja Adventista do Sétimo Dia!

O Pastor Martinez foi pois nomeado membro deste comité que estuda os problemas relacionados com o hábito de fumar. O senador Lorival Baptista e o congressista Oscar Alves, são também membros deste comité, constituído por 15 pessoas. Eles têm feito frequentemente favoráveis referências à obra que os adventistas desenvolvem neste domínio.

O grupo trabalha agora na preparação de uma lei de defesa dos direitos dos não-fumadores. 50 projectos de lei anteriores foram arquivados antes mesmo de terem sido apresentados ao congresso nacional, devido a altos interesses contrários à sua aprovação. Espera-se que a lei em preparação possa ter mais êxito do que as que a precederam. — *Werner Mayr*, Departamento de Comunicações da Divisão Sul-Americana.

França — 400 jovens pedem o baptismo

No que se refere a números, o 5.º Camporee de Jovens Adventistas da Divisão Euro-Africana pode considerar-se a maior campanha de evangelização de 1986.

Dos 700 jovens presentes, de idades compreendidas entre os 12 e os 16 anos, vindos de oito países europeus, cerca de 400 manifestaram publicamente o desejo de ser baptizados num próximo futuro.

O primeiro apelo foi feito no Sábado de manhã durante o culto. E logo cerca de 100 jovens

expressaram o desejo de baptismo. Três dias depois, o orador convidado, Malcolm Allen, da Conferência Geral, fez um segundo apelo. E para surpresa de todos, perto de 400 jovens se levantaram, mostrando a sua intenção de um próximo baptismo. Segundo John Graz, director deste 5.º Camporee, os organizadores deste encontro de jovens oravam por 50 decisões para o baptismo!

Assim, pode bem dizer-se que este Camporee foi um êxito. Os

O Hospital do Bongo recomeçou as suas actividades

Em 1982, as famílias do médico e do professor de teologia do Bongo foram feitas prisioneiros pela Unita, juntamente com a enfermeira Vitória Duarte. A população ficou deste modo privada de cuidados médicos, embora os enfermeiros locais continuassem a prestar-lhes assistência dentro das suas possibilidades.

Em Abril deste ano, o Governo de Angola emitiu vistos de entrada para dois médicos missionários e suas famílias, que para ali partiram em 28 do mesmo

mês. O Dr. Roberto Va, de nacionalidade espanhola, é casado com Petra Bodonge, alemã e técnica de laboratório; o Dr. Otello Vergères, cirurgião suíço, é casado com Marie-Rose, nascida na Martinica, a qual é uma experiente enfermeira e anestesista. Têm uma filha de 6 anos, a Christelle.

O Hospital do Bongo recomeçou, pois, em pleno, as suas actividades e o seu ministério, tão úteis e tão necessários naquela região.